



## EDUCAR NA CIDADANIA

**Ideais utópicos nunca foram demais, eles conduzem, direcionam as mudanças de um coletivo que sonha junto. Sabendo que a Ponte está ancorada em atividades que temporalizam um tempo presente, como, no entanto, vislumbrariam o resultado deste trabalho? Quero dizer: se você, dado sonhar e concretizar desejos, de que homem, com que participação social, filosófica e histórica a Ponte gostaria de contribuir, ou ter como resultado deste investimento presente?**

Professor:

Se algo a Ponte fez foi mostrar que a utopia é possível, que os sonhos são realizáveis, conciliando Eros e Tanatos, o princípio do prazer e o princípio da realidade.

Todos os projetos transformadores têm subjacentes ideologias. Na Ponte, vivemos no *hic et nunc* que o elabora, o ser humano que idealizamos: todos diferentes, todos fraternos. Por isso, tomo a liberdade de responder através da poesia. António Gedeão (heterônimo de Rômulo de Carvalho, poeta e professor de Física, português que deu o nome a um dos espaços educativos da Ponte) responde com a sua "Pedra Filosofal": Eles não sabem, nem sonham

que o sonho comanda a vida / que, sempre que um homem sonha, o mundo pula e avança / como bola colorida entre as mãos de uma criança (A. Gedeão, in Movimento Perpétuo, 1956).

**Gostaria de saber como se dá a organização da assembleia. Os alunos recebem convite formal ou se organizam espontaneamente? A participação é de grande número de alunos? Como vocês conseguem fazer com que o aluno participe?**

Professora:

Todas as semanas, a Mesa de Assembleia reúne, faz uma recolha de propostas de assuntos e elabora uma convocatória, informando todos os professores, alunos, pais, funcionários e visitas da hora, dos assuntos agendados e do local onde a Assembleias e vai realizar.

A participação dos alunos varia em conformidade com o interesse e a forma como os assuntos são apresentados em Assembleia. A Mesa de Assembleia tenta incentivar a participação de cada aluno nas reuniões.

**Como preparam os alunos para as assembleias? Fico apavorada em pensar que não conseguiríamos que nossos alunos (de colégio...) ouvissem, discutissem.**



**Também vi o plano quinzenal e acho que alguém já fez a minha pergunta, mas não vi a resposta: qual é a base que o aluno recebe para isso? Objetivos e conteúdos são disponibilizados?**

**Estou indo amanhã para SP, passar o dia na Desembargador Amorim e visitando a Escola Lumiar. Estudo sobre a Ponte e estas duas escolas desde o ano passado. Dirijo uma escola, particular, que me reporta ao início do trabalho da Ponte, no que se refere às dificuldades dos alunos. Tenho tentado preparar meus professores para a mudança de nossa proposta pedagógica e vocês devem imaginar a minha dificuldade (resistências de toda a sorte). Pergunto: vocês acreditam que seria possível uma mudança gradativa? Ou, como disse a Ana Elisa: “Pensei que poderia, mas de repente, me vi derrubando as paredes!”**

**Já estou implementando algumas mudanças, mas, às vezes, me sinto impotente diante de tantas dificuldades que o corpo docente apresenta (fiquei aliviada em saber que também a Ponte ainda passa por estes momentos).**

Educadora brasileira:

Em relação à questão das Assembleias, realmente, é algo que encanta na Ponte, que já faz parte da cultura da escola. Existe toda uma vivência política para a efetivação das assembleias. No início do ano, os alunos passam por uma espécie de eleição, onde devem escolher algumas listas (chapas) formadas por alunos de diferentes idades. Essas listas pensam em propostas para melhorar a escola. A partir dessa eleição, é formada a mesa da Assembleia com os devidos presidente, vice-presidente, secretários. Toda sexta feira acontece a reunião da assembleia. A organização desta fica a cargo do grupo de Responsabilidades da Assembleia, que é acompanhado por dois professores. Esse grupo define a pauta, quem será responsável pela ata e refletem sobre as posturas necessárias para o bom andamento das assembleias. O funcionamento é muito interessante!

O que podemos aprender com a experiência é a necessidade de espaços democráticos, para que se possa pensar coletivamente sobre o trabalho da escola. Podemos fazer isso de diversas maneiras! A Ponte apenas cria inspiração, precisamos encontrar as nossas formas. Algumas escolas no Brasil já fazem assembleias de classe, o que é um ótimo caminho.

Lembro de uma frase da Clarice Lispector, que está logo na entrada da Escola da Ponte: "Mude, mas mude devagar, pois o que importa é o caminho e não a velocidade" (é mais ou menos isso). O que precisamos é ter a coragem de mudar. A Ponte teve. Enxergar os desafios enfrentados pela Ponte ajuda a compreender que é uma escola com dificuldades, como muitas outras, mas que tem a prática democrática como impulsionadora de mudanças.



Depois de "viver" a Ponte, passamos a acreditar que muita coisa é possível. Vamos tentar? Acho que as paredes são apenas uma consequência...

**Os alunos que chegam de um modelo tradicional de ensino costumam não entender a linguagem e a prática da liberdade que se usa na Ponte. Então, usa-se a autoridade. Gostaria de saber como isso é realizado. As regras da escola são colocadas logo no início, ou são realizados "acordos" conforme o comportamento de cada aluno? Existe "premiação"? Como isso se dá na prática?**

Professor:

As regras são propostas, debatidas e aprovadas pelos alunos, nas reuniões de Assembleia de Escola. A Mesa da Assembleia e a Comissão de Ajuda são as maiores responsáveis pelo seu cumprimento. Mas todos se ajudam mutuamente, para que as regras sejam por todos respeitadas. Não há "premiações". Se um aluno cumpre as regras não faz mais que a sua obrigação. O exercício da cidadania é obrigação pessoal e social.

É a autoridade (não o autoritarismo!) que suporta todo o desenvolvimento emocional, afetivo e sócio moral dos alunos. O carinho e a firmeza são administrados em doses variadas e com bom senso. Como isso se faz é difícil explicar. Só vendo. Para além dos dispositivos e estratégias a que recorreremos, a assunção da autonomia condimentada com a solidariedade e a responsabilidade continua, em muitas circunstâncias, a ser um mistério...

**Vocês vivem dizendo o seguinte: existe uma diferença entre educar PARA a cidadania e educar NA cidadania. O que significou isso para vocês?**

**O professor Rubem Alves, um brasileiro, esteve por aí e ficou impressionado em como, nas Assembleias, todos respeitam a vez do outro falar. É assim mesmo? Como é aprender isso? Quais os assuntos mais tratados nas Assembleias?**

Aluna:

A sua pergunta fez-me refletir muito sobre a filosofia da Escola da Ponte. Para ser sincera, tive algumas dificuldades em formular uma resposta digna de tal pergunta. Na Ponte, costumamos dizer que a Educação deve ser na cidadania, porque todos os alunos são cidadãos dotados de capacidades e de personalidade. O educar para a cidadania parte do princípio de que os alunos ainda não são cidadãos. Preparam-se os alunos para participar nas eleições, mas não participam em Assembleias, por exemplo.



O fato de sermos vistos como alguém que, embora seja novo, é já uma pessoa com opiniões e ideias próprias, fez-nos crescer mais depressa e ganhar mais responsabilidade. Isto faz-nos sentir pessoas incompletas, que poderão vir a ser cidadãos, mas que não passam de um projeto disso.

O bom desta escola é que os deveres cívicos nos são "incutidos" de uma forma suave e não através da imposição. Ou seja, quando dizemos a uma criança que tem de fazer isto ela recusar-se-á devido à sua tendência natural de quebrar regras impostas. Se lhe explicarmos a razão pela qual deve proceder dessa maneira, ela aperceber-se-á da importância de respeitar para ser respeitado. É assim que na Escola da Ponte aprendemos os valores que regem a vida em sociedade.

Os assuntos mais tratados em Assembleia são, normalmente, relacionados com o funcionamento da escola (responsabilidades, direitos e deveres...)

**Parece-me que as decisões nas assembleias são tomadas majoritariamente pelos alunos. Estou certa? Parece que o professor espera deles as decisões e quase não interferem. Visitei outras escolas em Portugal, as chamadas "tradicionais". Percebi que por mais que não haja documentos, nem assembleias, os alunos sabem à hora de pedir e de conceder a palavra, pela própria cultura do povo, pela forma como os portugueses naturalmente usam termos, como "desculpa lá", "com licença", "se faz favor", "obrigado", palavrinhas mágicas que fazem toda a diferença. Vi que os alunos, na grande maioria, tratam seus professores com o máximo respeito, por isso penso que as conquistas da Ponte não devem ser complicadas, se tentadas e exercitadas por outras escolas portuguesas. Na opinião de vocês, por que as experiências da Escola da Ponte ainda são desconhecidas por outras escolas de Portugal? Como vocês explicam o fato de a Escola da Ponte ser tão pouco (re)conhecida pelo próprio ME de Portugal?**

Professor:

A criação de uma lista de direitos e deveres, assumida e refletida pelos próprios alunos, faz com que os mesmos se sintam diretamente ligados e responsabilizados no cumprimento das suas regras. Não se trata de algo imposto pelo professor. Foram eles próprios que ditaram as "regras do jogo"...

O Projeto "Fazer a Ponte" foi reconhecido pelo Ministério da Educação há cerca de dois anos, através da assinatura de um Contrato de Autonomia que, de certo modo, veio "legalizar" práticas de há mais de trinta anos. As resistências surgem, essencialmente, do meio onde está inserida a escola. O fato de existir uma escola diferente não é visto com bons olhos por alguns setores da comunidade. Enfim!... Como diz o velho ditado: *"Santos da casa não fazem milagres..."*. Basta afastarmo-nos alguns quilômetros de Vila das Aves, para nos apercebermos que estas "resistências" desaparecem.



Apenas se sente respeito por uma escola que não tem que ser vista como melhor ou pior, mas como mais uma alternativa.

Estamos inseridos numa sociedade bastante conservadora. Ainda assim, recebemos visitas de várias escolas de Portugal, que se mostram cada vez mais interessadas em conhecer e em estudar a nossa escola.

**“Percebia o grande investimento dos professores tutores na relação com as crianças, o que evidenciava que, especialmente através da afetividade, seria possível uma maior integração. No entanto, diferentemente dessas crianças, outras demonstravam ter internalizado a proposta da escola, demonstravam que a Ponte deixa marcas muito particulares nos seus alunos. Crianças e adolescentes que questionavam algumas posturas docentes e que reivindicavam o direito de falar aquilo que pensam. A esperança é de que esses alunos consigam dar continuidade àquilo que aprenderam e reconstruam a Ponte em qualquer lugar”. Destaquei esse como um dos pontos chaves. Estou enganada?**

Educadora brasileira:

Sem dúvida, esse é um dos pontos chaves na minha visão. Aprendia muito com as crianças que já tinham a proposta internalizada, crianças que participavam da Comissão de Ajuda, que participavam de maneira legítima da Assembleia e que reivindicavam seus direitos, que assumiam suas responsabilidades. Crianças que trabalhavam independentemente dos professores e que sabiam sinalizar quando estes estavam "perdidos". Crianças que sabiam ouvir e pedir a palavra, que sabiam respeitar a música e o ritmo do outro. Esse é o espírito que precisa ser cultivado!

**Vocês disseram que, no início de cada ano letivo, os alunos, por vontade própria, constituem um grupo para eleger o professor-tutor. Gostaria que falassem mais sobre a formação desse grupo de alunos.**

Pai de aluno:

Os alunos não constituem um grupo para eleger o professor-tutor. São constituídos grupos heterogêneos (dos diversos anos/níveis) de alunos em cada núcleo. E cada aluno, individualmente, escolhe um professor com quem simpatiza mais, com quem se identifica melhor, com quem poderá ter desenvolvido em anos anteriores alguma empatia (pelas mais variadas razões) para ser o seu tutor. Às vezes, não é a primeira escolha, por isso, cada aluno, apresenta sempre três nomes de professores, por ordem de preferência. Quase sempre é possível ir ao encontro do desejado.



**Na escola em que trabalhamos, estamos passando por um momento em que há muita motivação para mudar o jeito de aprender e ensinar. As transformações, algumas delas inspiradas pela escola da Ponte, estão recheadas de impasses e indagações nesse caminho de educar \*na cidadania\*; parece um longo caminho até que alcancemos algum sucesso.**

**"Levantar a mão para solicitar a vez de falar", por exemplo, é uma regra que perpassa todas as turmas, todos os anos; os alunos a reconhecem, os professores também. Mas você pensa que funciona na prática?! Que nada!**

Professora:

Começo por felicitar esse grupo de professores motivados para a mudança. O questionamento é um ingrediente essencial para que qualquer alteração, por menor que seja, aconteça sem ser por mero acaso. Esse longo caminho da aprendizagem da cidadania faz-se dia-a-dia, por isso, é quase inconcluso.

Eu sei que a regra de pedir a palavra funciona na prática, porque a experiencio todos os dias. Essa é uma das regras definidas pelos próprios alunos e que consta da listagem dos deveres deles. Isso acontece porque compreendem a funcionalidade dessa norma: conhecem os seus benefícios e a confusão do seu incumprimento. Este é um exercício básico de cidadania. Não podemos confundir liberdade com libertinagem. A liberdade não pressupõe a ausência de quaisquer regras, até porque vivemos em comunidade, em constante interação. O que procuramos é que a liberdade seja sempre responsável e solidária.

Os adultos também estão em contínuo processo de aprendizagem da cidadania, alguns mais do que outros. É natural que as nossas vivências passadas (ou a ausência delas) e determinados contextos determinem o ato de ser cidadão, até porque há sempre a “tentação” do facilitismo, do individualismo, do prazer momentâneo, como acontece no caso que relatou. O certo é que a cidadania também é o respeito pelo outro, assim como a liberdade. Quando fala que a postura tem mudado ao longo do tempo esse é o sinal de que a cidadania aprende-se na prática. Os nossos alunos aprendem a ser cidadãos ativos e felizes, em contexto de exercício da cidadania. Exemplo claro disso é a existência semanal de uma Assembleia de alunos, onde eles debatem e solucionam os problemas da escola.

A verdade é que os alunos são o reflexo dos seus educadores: se os professores não são nem autônomos nem cidadãos ativos, como poderão orientar naquilo que desconhecem? A orientação caminha de mãos dadas com a aprendizagem. Também são os nossos erros que nos proporcionam a reflexão e o crescimento, seja ele a que nível for. Todos os desvios podem ser controlados ou





evitados através de uma postura atenta, crítica, construtiva e solidária. É preciso confiança e determinação nos nossos ideais. Estou certa de que é o seu (o vosso) caso.

**Como estimular nos estudantes a responsabilidade, se o meio no qual estão inseridos não propicia tal formação? Como estimular uma formação cidadã, se a sociedade vive em questão do mercado e do vestibular, sendo que estes exigem apenas o aprendizado técnico?**

Professora:

De fato, a parceria entre o ensino e a formação integral do indivíduo pode tornar-se, facilmente, em antagonismo, quando aprendizagens sem sentido, vazias de significado para aqueles que as retêm até ao exame final, se sobrepõem ao desenvolvimento de competências como a responsabilidade, a autonomia, a consciência crítica, a participação, a entre-ajuda...

Vive-se, uma quase esquizofrenia entre o que acreditamos ser o caminho para a formação integral de cada ser e as exigências impostas pelos exames. Na Ponte, defendemos que a avaliação imposta pelo professor ou pelo Ministério, num teste igual para todos e de duração rigidamente definida não tem qualquer significado. Contudo, como a autonomia que nos foi concedida pela administração central só é válida dentro da lei geral, os alunos que terminam o 3º ciclo são submetidos aos exames nacionais. Compreenderá que também nós nos confrontamos com essa dicotomia. Entendemos, no entanto, que o essencial na formação é a valorização de cada indivíduo, o desenvolvimento das competências gerais, bem como as aprendizagens que terão significado para si próprio, com o objetivo máximo de ajudar cada criança a construir um quadro de valores e de se tornar um adulto socialmente bem integrado.

No nosso dia-a-dia, procuramos que cada aluno planifique as suas aprendizagens, se avalie e aperfeiçoe, permitindo o desenvolvimento de tarefas e projetos de acordo com os seus interesses e problemas vividos, mas garantindo por sua vez que as competências essenciais previstas para cada ciclo também sejam desenvolvidas.

Para além da escolha responsável das suas aprendizagens, a motivação ou o estímulo de um aluno fluem também da entre-ajuda do seu grupo de trabalho, do equilíbrio emocional e orientação mais próxima desenvolvida com o professor-tutor.

Sugiro por fim algumas reflexões. Aquilo que a sociedade pretende é profissionais competentes, com muita formação académica sem saber aplicá-la, ou excelentes técnicos sem capacidade de inovar perante uma nova situação? O que a sociedade pretende são trabalhadores individualistas, ou equipas de trabalho, que cooperem para o sucesso de todos? O que a sociedade pretende são indivíduos formatados, ou indivíduos capazes de aprender e se aperfeiçoarem?



Fiquei pensando o quanto se faz necessário constituir-se um espaço de escuta na escola, mas que este espaço avance das queixas de senso comum e lamurias para uma atitude reflexiva e embasada. O que hoje enfrentamos em nossa escola, é que neste espaço os professores fazem uso para queixas e as soluções são de senso comum. Nosso desafio é promover um avanço nisso. Mas sinto que, às vezes, não damos conta e vejo muitos professores culpabilizando e tercerizando responsabilidades, ao invés de buscar soluções conjuntas. Algo muito em pauta ultimamente é a "indisciplina dos alunos". Ao invés de se debruçarem em ações diferenciadas queixam-se que a escola é permissiva, e os pais também e que se os alunos tivessem uma punição tudo se resolveria. Questionamos tais posicionamentos e até investimos em provocações para que se revejam e repensem as concepções que possuem, mas a disponibilidade é muito pequena ou nula.

**Como promover um espaço que promova a reflexão e a transformação pessoal?**

Professor:

Conseguir tal espaço é como conseguir a quadratura do círculo...

Infelizmente, aqueles que recusam mudar e melhorar podem recusar mudar, podem recusar melhorar. Vivemos um tempo de desmoralização e perda de sentido da profissão. E não creiam que eu sou pessimista! Resta-nos a esperança. Como diria o nosso amigo Rubem, um educador não é otimista, é esperançoso. Porque o otimismo é da natureza do tempo. E a esperança é da natureza da eternidade. Nós, educadores, trabalhamos para os nossos alunos de hoje, mas os nossos atos refletem-se na eternidade.

Há muitos anos atrás, tivemos a sorte de encontrar companheiros de projeto. Fazemos votos de que outros os encontrem.

**Os temas ou assuntos que são motivo das reflexões coletivas são propostos por quem?**

**Há algum "estatuto" que rege as Assembleias? Como posso conhecê-lo?**

Professora:

Integro o Projeto Educativo "Fazer a Ponte" há apenas dois anos. Neste tempo, os momentos de reflexão crítica conjunta têm sido, infelizmente, ainda escassos. Há um espaço de partilha entre orientadores educativos denominado "Espaço Prof.", que conta, habitualmente, com a presença de um convidado. Neste ano letivo, pretende-se que as reuniões de Equipa recuperem do passado o





hábito de ser um momento coletivo de reflexão pedagógica. Pensamos que só assim as reuniões farão sentido, sem nos perdemos nas teias das questões burocráticas.

Os temas são propostos por todos os orientadores educativos que o desejam fazer. De uma forma geral cada um de nós pode e deve lançar temas de discussão. Os Coordenadores de Núcleo e o Coordenador Geral têm também um papel importante. Na verdade, é a dinâmica do dia-a-dia que exige de nós uma reflexão coletiva, atenta e crítica, ou seja, a discussão não surge ao acaso, mas sim decorrente das práticas, para sobre elas, posteriormente, incidir o debate.

Darei dois exemplos: a reflexão sobre o papel e a utilização dos dispositivos pedagógicos do Projeto Educativo “Fazer a Ponte”, ou sobre o entendimento da lógica (infrutífera e sem verdadeiro sentido pedagógico) do castigo.

Respondendo à segunda questão, a Assembleia possui o seu regimento. Poderá consultá-lo no site da Escola (<http://www.escoladaponte.com.pt/>).

Professor:

Nas reuniões de dimensão estão no máximo onze professores. São relativamente pequenas e a agenda, em grande parte, já provém de reuniões anteriores ou de conversas que vão surgindo. Por vezes, mas muito raramente, o Conselho de Gestão pede às dimensões que discutam alguns pontos específicos.

Na reunião de núcleo, o coordenador respectivo propõe uma ordem de trabalhos com base nos problemas que o núcleo atravessa, do que observa e das conversas que teve com os colegas e com o restante Conselho de Gestão. Saliento o “propõe”... Muitas vezes, os colegas do núcleo sugerem outros assuntos, ou colocam outras prioridades.

Nas reuniões gerais existe, quase sempre, uma convocatória que fixa a ordem de trabalhos. É lógico que, mesmo havendo uma ordem de trabalhos, nem sempre é respeitada, porque surgem novos assuntos, considerados importantes e a discussão não é estanque.

### **Como se dá a recepção dos alunos em situação de risco por parte dos colegas?**

Educadora brasileira:

O trabalho com os grupos heterogêneos permite uma configuração interessante, as crianças são agrupadas de maneira a conviver com outras crianças que possuam capacidades e vivências diferentes. Por isso, é possível perceber em alguns grupos a preocupação com o outro e o respeito à diferença. A integração é fundamentada no apoio grupal, sendo sempre ressaltado que todos têm os mesmos direitos. Mas é claro que nem sempre isso ocorre de maneira ideal, muitas vezes é



necessária uma intervenção do professor tutor, principalmente em casos de agressividade e violência.

**Para poder estimular alunos a qualquer atividade proposta, é necessário, antes, estabelecer vínculos entre temas, projetos, novos conteúdos e os conhecimentos prévios? Quais interesses, motivações, comportamento, habilidades, devem construir o ponto de partida, para conseguir incentivar os alunos? Qual a atitude a ser tomada pelo professor, caso haja descaso ou desinteresse (se é que isso acontece), ao trabalho ou projeto escolhido pelo grupo de alunos? A saída para tal descaso ou desinteresse poderia partir de alguma necessidade, das ideias dos próprios educandos e, a partir daí, potencializar as condições que lhes permitam revisar a fundo as ideias e ampliar as experiências com outras novas?**

Professor:

A característica sistêmica de qualquer processo de aprendizagem pressupõe que o orientador educativo (deixai-me usar o léxico pontista...) permita ao aluno o re-ligare essencial, antes e durante o processo.

Em algumas áreas, que requerem sequencialidade, é indispensável que o Orientador Educativo alerte o aluno para a necessidade de se munir de requisitos prévios, se o aluno revelar não os possuir.

Suponho que se refere aos interesses, motivações, comportamento, habilidades dos Orientadores Educativos. Para conseguirem incentivar os alunos, estes devem deter um conjunto de competências (algumas delas estão enunciadas no perfil do Orientador Educativo), que passa: pela capacidade de gerir o imprevisível; de não dar resposta, mas estimular pesquisa; de fomentar o trabalho de grupo; de apoiar o aluno no exercício do senso crítico, que lhe permita selecionar informação pertinente, trabalhá-la e comunicá-la de modo inteligível; de acompanhar situações de auto avaliação etc.

O Orientador Educativo não é algo descartável, é um adulto investido do estatuto de educador e, quando verifica haver "descaso", tem por função reorientar, responsabilizar, exigir. É claro que, em alguns casos, justificar-se-á modificar ou suspender projetos, avaliando-os e integrando neles novas experiências.

Efetivamente, uma das primeiras tarefas, a primeira das tarefas será assegurar que os papéis do Orientador Educativo estão devidamente explicitados e assumidos.

**No Projeto Educativo da Escola da Ponte existem apenas algumas pistas da visão de ser**



**humano (aluno) que alicerçam os princípios... Na Ponte, todos os professores possuem a mesma visão de aluno (ser humano)?**

Professora:

Os alunos da Ponte são crianças, pré-adolescentes e jovens como todos os outros, com todas as inseguranças, características e suas virtudes. Apenas acreditamos que cada um é um ser único com potencialidades e características que deveremos respeitar e potencializar no sentido individual e no coletivo.

Qualquer projeto educativo de escola é um ato coletivo onde todos (pais, alunos, professores...) terão que participar e intervir. Cada um é incentivado a participar solidariamente num projeto educativo que se pretende comum. Isto só se conseguirá se os alunos tiverem voz ativa na elaboração e decisão de toda a organização, gestão e funcionamento da escola e ainda participarem na construção do seu processo de aprendizagem/formação pessoal.

Consideramos que o envolvimento dos alunos nos processos de tomada de decisões, constitui um vetor fundamental na construção de cidadãos ativos e participativos e, por isso, eles participam também na construção, reflexão e decisão dos diferentes dispositivos pedagógicos que operacionalizam o projeto, para que vivam o exercício diário da participação, da liberdade e da responsabilidade. Assim, todos têm a oportunidade de propor, negociar, decidir, refletir, planejar e organizar, na procura do equilíbrio entre o individual e o coletivo.

Os alunos da Ponte são encarados como pessoas que, envolvidas numa estrutura que potencia a aprendizagem ativa, aprendem a ver os outros como pessoas ao mesmo tempo que adquirem as competências essenciais previstas no currículo nacional. O domínio cognitivo não é independente do domínio dos afetos, da emoção.

Os princípios pelos quais a Ponte se orienta têm como principal finalidade, formar cidadãos democráticos, críticos, participativos, cidadãos sensíveis, fraternos e tolerantes.

Espero ter ajudado a entender como olhamos para os nossos alunos.

Professora:

Na Escola da Ponte (e tal como é citado no Projeto Educativo), o aluno é encarado por todos como único e irrepetível e, por isso, os orientadores educativos têm consciência de que a experiência de escolarização e o trajeto de desenvolvimento de cada aluno são também únicos e irrepetíveis.

Na realidade, cada aluno tem a sua cultura e experiência de vida própria que devem ser valorizadas ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem (no fundo, ao longo de toda a vida). Nas práticas da nossa escola, tenta-se que o aluno tenha um papel ativo no ato de aprender, visto que a



aprendizagem por descoberta (tal como defende Bruner) apresenta várias vantagens: o aumento do potencial intelectual; a mudança de uma motivação extrínseca para a intrínseca, dado que a criança é colocada perante a necessidade de resolver conflitos cognitivos estruturantes; a participação do aluno na construção do saber; melhorias na conservação da memória e recuperação do que está memorizado...

É um fato que ninguém gosta de ser obrigado a fazer qualquer trabalho. As obrigações implicam ordens e a ordem, sob a forma autoritária suscita, muitas vezes, uma oposição de quem a sofre. Cabe-nos procurar uma pedagogia que permita que os alunos escolham quase sempre a direção por onde devem ir.

Valorizamos no aluno o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, para que seja respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões. Valorizamos também a formação de cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva. No fundo, procuramos a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária.

Acima de tudo, na Ponte, tentamos que todos os alunos, como seres humanos, tenham a consciência da escolha e a escolha da consciência. Em coerência com aquilo que escreveu o idealizador do projeto: "Educar é fornecer os meios e acompanhar processos de desenvolvimento. Na Escola da Ponte, o currículo escolar é entendido como um conjunto de situações e atividades que vão surgindo e que os alunos e professores reelaboram conjuntamente. É feliz a criança a quem se permite satisfazer a liberdade de ação num ambiente de segurança, confiança e apoio criado pela presença dos educadores. Porém, a liberdade permitida a cada criança é concebida na proporção do que ela é capaz de utilizar".

**Gostaria de saber como é feita a "iniciação" das crianças que vêm de outras escolas e não estão acostumadas à Ponte. O que é feito até estarem adaptadas às novas regras?**

Aluna:

A Ponte tem um especial cuidado em relação a esses casos. E não me estou a referir só aos orientadores educativos e funcionários, mas também aos alunos já residentes que, obviamente, dedicam bastante atenção aos seus novos colegas, ajudando-os a ambientarem-se a esta comunidade escolar e também aos ciclos de amizade já existentes. Assim sendo, julgo que será fácil para os novos alunos a sua iniciação.



## **Como os professores da ponte, principalmente os iniciantes, são preparados para a avaliação dos alunos?**

Professor:

O início da nossa prática na Ponte é muito complexo. A vivência de uma prática pedagógica reflexiva veiculada no nosso seio é determinante para o saber ser e saber estar no projeto Fazer a Ponte. Quando um professor novo inicia o seu percurso, depara-se com uma organização e gestão dos recursos físicos e humanos bem distintos da que está habituado num modelo mais tradicionalista. Desde logo “a linguagem” usada nas reuniões preparatórias do arranque do ano letivo constitui a principal barreira para quem começa. Há núcleos, há orientadores educativos, dispositivos, responsabilidades, tutorias... E a avaliação dos alunos que se articula numa rede de interações múltiplas e ilustrativas do processo educativo! A pergunta surge naturalmente: como gerir esta diversidade e riqueza de informação?

A minha posição foi a seguinte: tal como os meninos começam a ler globalmente, eu também me estou a construir globalmente na Ponte. Quero com isto dizer que a sensação de imperfeição está sempre presente no meu espírito (não posso ter a pretensão de compreender e “dominar” todas as dimensões que, manifesta ou latentemente, ocorrem no exercício das minhas funções de Orientador Educativo).

A preocupação é diária, mas os recursos e as possibilidades são múltiplos. Os Orientadores Educativos mais experientes no projeto e conceptualmente bem preparados constituem um recurso valioso pelos conselhos, pistas e sugestões de leituras. Articulando as suas preciosas contribuições com os perfis do aluno dos vários núcleos e com o Projeto Educativo, despoletam-se possibilidades de avaliação, necessariamente imperfeitas e inacabadas. São questões que se inscrevem num todo contínuo.

Concretizo esta partilha com as seguintes sugestões de reflexão: Terá o professor legitimidade de avaliar pelo o que ensina ou, por outro lado, deverá avaliar pelo que o aluno aprende? Dito de outro modo: não deverá o professor perguntar sempre como irá o aluno interiorizar o conhecimento e a experiência educativa no futuro?

Poderia escrever inúmeras sugestões de bibliografia, mas sugiro-lhe refletir sobre o seguinte: Para que tipo de sociedade pretende contribuir com o exercício da docência? Qual é a sua perspectiva de cidadão a formar? Que atitudes e valores deve promover? As suas respostas encontrarão certamente um modelo de avaliação adequado ao que pretende.

Na Ponte, os registros de aprendizagem nas várias dimensões são grades onde constam os assuntos curriculares a trabalhar ao longo do percurso educativo dos alunos. Nelas são assinaladas as datas



em que o aluno superou um determinado aspecto do currículo da dimensão de ensino. Relativamente a registros pessoais de avaliação, as opções são múltiplas. São, sobretudo, registros descritivos/qualitativos. Não existe standardização nestas sínteses descritivas.

**Compartilho de muitas reflexões que propõem e sinto que elas fortalecem a crença de que é possível fazer diferente e que a estrutura escolar que temos pode ser repensada diante de uma concepção mais humana, emancipatória e democrática na formação de todos os envolvidos.**

**Eu coordeno um projeto piloto na escola de formação em tempo integral, que pretende transformar a escola em um espaço de vida, criação e humanização. A idéia é criar espaços de aprendizagem, que ampliem a relação dos alunos com o conhecimento e os permitam tornar agentes construtores do saber. Eu acredito muito nisso e sinto que o maior entrave é a formação docente, pois ela traz arraigados conceitos de uma educação fragmentária e seletiva. Estou repensando o espaço de formação do professor. A primeira mudança se dá em torno das concepções. Como podemos pensar isso?**

Professor:

Eu sou favorável a uma escola "integral". Também serei favorável a uma escola de "tempo integral", se não se constituir numa dose dupla de tédio... Porque sou um acérrimo defensor de tempos livres, efetivamente livres. E não aceitei (quando se implantou em Portugal) algo semelhante à proposta de escola de tempo integral. Nessa medida de política educativa, os alunos eram submetidos a (fastidiosas) aulas em metade do dia e participavam de atividades prazerosas (balé, xadrez, ateliers de arte, etc.) na outra metade. Foram acrescentadas ao currículo áreas de "desculpabilização curricular". Eu não poderia estar de acordo com tal medida. Educação Cívica e de Formação Pessoal e Social são áreas transversais e devem ser trabalhadas a toda a hora. Não apenas uma hora por semana. Sou apologista de uma escola integral, aberta durante todo o dia (inclusive aos fins de semana e dias feriados), onde se aprenda dos zero aos cem anos, uns com os outros, mediatizados pelo mundo...

Tudo o que se acrescenta ao modelo de escola, que ainda hoje é o mais comum, pouco ou nada resolve. Muito menos poderei concordar com a criação de atividades de turno oposto (não concordo com a existência de turnos), para, como ouvi alguém dizer, retirar a criança da rua. A criança, no ofício de aluno, deve ir para a rua, toda a escola deve arejar-se, ir para a rua, para que a rua seja mais um espaço de cidadania. E nela aprender uma cidadania plena.





Mas, neste, como em outros assuntos, não possuo certezas absolutas. Poderemos continuar o diálogo. Quero aprender com outras perspectivas e opiniões.

Como refere na segunda parte da pergunta, se o educador não for (de) formado, tudo ficará mais fácil. Se o educador reelaborar a sua cultura, tudo mudará. O maior obstáculo à mudança é o educador. Sou “eu”, quando profissionalmente me comporto narcisicamente, quando creio poder ser auto-suficiente. E, sobretudo, quando não interpelo as práticas tradicionais, ou não pergunto por que ainda existe analfabetismo, insucesso, sofrimento... A Escola (em sentido lato) mudará, quando o discurso lamentoso der lugar à pesquisa que ajude a resolver as nossas dificuldades de ensinagem.

**O que, concretamente, vocês realizam no dia a dia que os ajudam a desenvolver a autonomia e a responsabilidade?**

Aluna:

No nosso dia a dia, utilizamos os dispositivos e as responsabilidades que nos ajudam a atingir as metas que pretendemos. Um dispositivo é algo que nos ajuda. Por exemplo, o "Preciso de Ajuda", que utilizamos quando não conseguimos compreender alguma coisa no nosso trabalho. Mas devo referir que só devemos utilizar este dispositivo depois de consultar a ajuda dos nossos colegas de grupo e se a nossa dúvida não tiver sido esclarecida.

O "Eu já sei" tem como propósito exatamente o contrário. Usamos esse dispositivo quando já sabemos que sabemos e queremos ser avaliados pelo orientador educativo.

Entre outras coisas, a Assembleia funciona como dispositivo e como responsabilidade ao mesmo tempo, pois ajuda-nos a resolver os nossos problemas de forma autônoma e responsável, uma vez que somos nós que dirigimos as nossas reuniões de Assembleia.

Este é um projeto que não se exprime só através do papel, é necessário interagir e só assim conseguimos aprender a viver nesta comunidade educativa.

**Tentei montar uma "Assembleia" com os alunos de minha escola. Explicamos do que se tratava e como funcionaria. Realizamos a eleição para "presidente", tudo isso com muita animação. Porém, foram aumentando as "fofocas". Ex: “Fulano não fez exercício hoje”, "Sicrano mostrou a língua pro colega" etc. As reuniões passaram a ser chatas, o presidente não conseguia manter a ordem sozinho, enfim, o projeto não deu certo. Esqueci de mencionar que as crianças do ensino infantil (4 a 6 anos) também participavam. Onde foi o erro? No**



**começo é assim mesmo? Quanto tempo de preparação dos alunos foi necessário para que a Assembleia na Ponte tomasse rumo sozinha? Os pequenos (4 a 6 anos) não devem participar no começo?**

Aluna:

A algumas dessas questões não posso responder, pois não estava na escola quando começou a existir a Assembleia. Não sei como foi a adaptação dos alunos. Mas sei que uma Assembleia só funciona, se todos trabalharem em conjunto. Principalmente, a Mesa de Assembleia. Falo por experiência própria. Se esta não ajudar, o presidente não consegue trabalhar sozinho, é preciso, pois haver entre-ajuda entre todos.

Os mais pequenos devem também participar, pois são parte do projeto. No entanto, é compreensível que estes achem as reuniões aborrecidas, e é necessário arranjar assuntos que, dentro do âmbito escolar, interessem aos alunos e até mesmo arranjar maneiras de resolver os problemas mais sérios e de formas diferentes, que cativem a atenção dos mais pequenos. Não se pode *desistir, porque os mais pequenos são o futuro do nosso projeto.*

**Pensar em disciplina e em indisciplina, em primeiro lugar, me leva a pensar mais na figura do professor do que na do aluno. Foi comentado que o professor "frouxo" ou autoritário pode se tornar um professor que saiba se impor sendo sensível ao seu aluno, isto é sem manifestações de autoritarismo ou paternalismo. Ao ler sobre esta questão me pus a refletir: Trans-formar, eis a questão. A escola é um local de aprendizagens não só para os alunos, mas também para a equipe de profissionais que faz parte dela. Lá todos aprendem, portanto crescem e evoluem. Se não houver esta concepção dentro da escola, não haverá um amadurecimento por parte de seus profissionais e medidas superficiais, como autoritárias ou "frouxas", tornam-se o moto condutor. Para que isto não venha ocorrer, o trabalho de equipe precisa ser compartilhado, voltado para o estudo, reflexões e trocas.**

**Contudo sabemos que, mesmo assim, há casos em que a postura da escola em relação ao comportamento antissocial do aluno não é o suficiente. Podemos utilizar todos os recursos existentes, buscar mudanças, adequações, mas o aluno se mantém numa postura com a qual se torna difícil conviver. Esgotadas algumas possibilidades, partimos para o trabalho com a família. É um trabalho de parceria, que se torna instigante quando desta família obtemos o apoio, a solidariedade e o reconhecimento. Entretanto nem tudo acontece a mil maravilhas, percebemos que a coisa "empaca" quando a família não está disposta a, realmente, entrar na ciranda de se trans-fomar. Por vezes fica no lugar de burlar o que foi conversado, acertado.**



**Enfim, a dificuldade do aluno fica estagnada na impossibilidade da família de se transformar. Portanto eu pergunto: Como é que a Escola da Ponte lida com tais situações? Até onde a escola pode entrar na intimidade das famílias e fazer delas exigências em relação a atitudes e tratamentos com seus filhos?**

Professor:

Há limites na nossa intervenção junto das famílias. Temos de agir com muito tacto, sensibilidade. Porque a criança não pode ser arma de arremesso nem sair prejudicada. Nos casos em que ainda temos família para interpelar, quase sempre é possível fazer algo. Ao longo destes trinta anos de projeto, houve, porém, meia dúzia de casos em que tivemos insucesso absoluto. E, essa meia dúzia de alunos saiu da Ponte, porque a possibilidade de diálogo se esgotou e os alunos estavam sendo prejudicados pela tensão existente entre a escola e a sua família.

Quando matriculamos alunos, não matriculamos filhos. A tarefa de educar não cessa para os pais, quando os seus filhos entram nas escolas. Os que saíram eram filhos de pais que pensavam que uma escola é um depósito de alunos...

**Em sala de aula, debatemos sobre o filme "O Clube do Imperador". Aqueles que já assistiram sabem da beleza e o quanto esse filme tem a nos mostrar como educadores. Para aqueles que não assistiram fica a recomendação, pois vão se deliciar com ele.**

**Bom, estávamos debatendo sobre uma fala de um dos personagens do filme, um pai que ao conversar com o professor de seu filho lhe diz: "Você não deve moldar o meu filho, cabe a você ensiná-lo. Eu vou moldá-lo." Muitos alunos participavam entusiasmados no debate e o consenso geral foi que, na verdade, ninguém pode moldar ninguém. Por fim, uma aluna indagou sobre a verdadeira função do professor: apenas orientar o aluno em seu processo de ensino aprendizagem, ou também formar o aluno enquanto ser ético?**

**O debate tomou grande proporção e a sala ficou um pouco dividida quanto a essa questão. Alguns acreditam que a escola também faça parte da formação ética, de valores e princípios de uma criança, já outros acreditam que essa função cabe a família (embora a escola auxilie nessa formação). Acreditam que hoje, no Brasil e talvez no mundo, um mundo que se encontra em "crise", onde a família se encontra em "crise", essa função que seria da família foi transferida quase que totalmente para escola e esta fica sobrecarregada, não dando conta das funções atribuídas a ela.**

**A meu ver, a autonomia e a motivação da criança estão relacionadas aos valores e princípios que cada um traz consigo, portanto acredito que a escola também seja responsável por**



**essa formação. Afinal, a escola deve ver o aluno como um todo e não fragmentado: aqui você apreende a ler e escrever e em casa você apreende a ser ético... Não consigo entender assim. Escrevi, escrevi e pergunto: Como a Escola da Ponte vê essa questão? Vocês acreditam que essa função seja mais da família do que da escola? Seja dos dois? E o principal: Como a escola pode colaborar para que a família também exerça essa função, principalmente em sociedades e comunidades em crise, onde a ética, o respeito ao próximo, as boas maneiras sequer existem?**

Professor:

É uma boa questão, que Anísio Teixeira resumiu numa epígrafe: "as escolas matriculam alunos, não matriculam filhos".

Todos nós somos influenciados, moldados, dentro e fora da instituição escola, ou da instituição família. É inevitável. Resta-nos sermos o menos possível... Ao professor cabe orientar o aluno em seu processo de ensino aprendizagem e também formar o aluno enquanto ser ético. Porém, quando se penetra o universo da axiologia, convirá refletir sobre a necessidade de harmonizar valores com que as diversas instituições "moldam" os indivíduos, e evitar transferir para a Escola responsabilidades que são, por exemplo, da Família. Nós sabemos da crise que a instituição Família atravessa, num quadro de crise geral dos sistemas. Também por essa razão (e não só...), instituímos, na Ponte, a figura de professor-tutor. Não é um substituto da entidade parental. É um orientador educativo, que escolhe e é escolhido pelo aluno e pela sua família, e atua no domínio do desenvolvimento sócio-emocional-afectivo e... moral. Sem confusão de estatutos. Pai é pai; professor é professor. A cada qual a sua responsabilidade.

Supletivamente, temos outros dispositivos: conselho de pais, conselho de direção, caderno de recados, reuniões de pais e professores, encontros informais entre pais e professores.

**Um dos objetivos da escola, além de aprender-ensinar para a vida, é que se ensine-aprenda sobre o mundo e sobre este grande mistério que chamamos de O outro. Então questiono: Alguns dos vossos ex-alunos estão adultos e trilharam outros caminhos. Vocês têm a preocupação ou contato com alguns deles? Eles voltam à Ponte? E, quando voltam, contam sobre este percurso? O que dizem? Isto é visto como uma forma de avaliação da autonomia? Como se dá?**

Professor:



Muitos ex-alunos voltam à Ponte, para matricular os seus filhos. Outros, vivendo longe, contatam conosco, mantêm vínculos. Pessoalmente, tenho nos meus ex-alunos atuais amigos. Vou beber uns copos com eles. Estou presente nos momentos mais significativos das suas vidas (casamentos, funerais...).

Há alguns arremedos de estudos sobre percursos de vida de ex-alunos. Mas os dados não estão trabalhados.

**Gostaria de saber como acontece a recepção de novos alunos vindos de outras escolas, se há alguma atenção especial para a adaptação. E, também, qual a reação deles diante desta mudança em suas rotinas escolares, visto que a Escola da Ponte deve ser bastante diferente de outras escolas aí em Portugal.**

Professor:

A atenção prestada a crianças em processo de integração é sempre realizada num quadro de solidariedade. Por vezes, o caminho é difícil e tortuoso. Mas, se garantirmos que os amigos, companheiros de grupo, professores, pais e auxiliares sejam solidários e tolerantes para com aqueles que chegam de novo, certamente que a integração será realizada num contexto adequado...

**Gostaria que você me contasse um pouco sobre o clima de trabalho entre os alunos e Professores na escola da Ponte. Como são tratadas as regras se há discussões e brigas entre os alunos? Como os Professores trabalham essas questões?**

Ex-aluna:

É com muito prazer que respondo à sua pergunta, pois tenho vindo a compreender que muitas pessoas pensam que a escola da Ponte, sendo diferente das outras, não “sofre” dos mesmos problemas com que várias instituições educacionais se deparam!

O clima na escola da Ponte entre alunos é igual ao clima vivenciado noutras escolas. Por estudarmos nesta escola “diferente” não deixamos de ser humanos e de termos os nossos problemas com aqueles que nos rodeiam. Sinceramente, nunca houve, pelo menos que eu me lembre, agressões entre alunos e penso que isso é explicável pelo fato de estarmos tão habituados a viver rodeados de regras por nós criadas e por estarmos mais do que cientes de que o respeito é a base da vida em comunidade. Além do mais, uma escola, cujos alunos defendem a igualdade e a comunicação como via de protesto, não deveria agir contra os seus princípios. Contudo há quem o deseje. Por isso, temos dispositivos como o “acho mal”, que nos lembra que há outras vias para resolvermos os nossos



problemas. Quando escrevemos no “acho mal” o que achamos que não está correto, não só a nível da escola, como também no que diz respeito ao comportamento dos colegas, o problema é levado à Assembleia. E aí, em conjunto, chegamos a uma solução que agrade aos intervenientes. Caso o problema tome proporções indesejáveis, os professores intervêm, chamando-nos à razão. Ou, caso necessário, informam os nossos pais do ocorrido.

A relação aluno - professor é muito mais intensa na Escola da Ponte, uma vez que a proximidade é muito maior. Tal proximidade faz com que vejamos mais facilmente as qualidades e os defeitos de cada um, o que nos leva a gostarmos mais ou menos de alguém. Contudo, não a trocaria por nenhuma distância!

É difícil explicar o clima de trabalho entre professores e alunos, uma vez que eu os via como amigos. Sei que isto deve parecer estranho, uma vez que é raro, quando frequentamos uma escola de ensino tradicional, termos um professor como um amigo. Não porque não tenham sentimentos, mas porque o pedestal em que se encontram não lhes permite familiaridades com os alunos. Embora a amizade exista entre professores e alunos na Ponte, o respeito está sempre presente!

**Percebi em alguns relatos que, mesmo na Ponte, há algum tipo de cobrança sobre os alunos por parte dos professores. Este tipo de atitude não representaria uma ação contra a liberdade de escolha do aluno?**

**Para alunos e ex-alunos: Vocês já se encontraram diante de alguma situação em que sentiram falta de algum conhecimento, por não terem escolhido estudar aquele determinado assunto? Como se sentiram e como reagiram?**

**Como é ou era a Educação Física na Escola da Ponte, e o que você aprende ou aprendeu com esta área de conhecimento?**

Ex-aluna:

Volto a repetir que todo o programa estipulado pelo Ministério tem de ser cumprido e, caso isso não aconteça (o que é muito comum em outras escolas), tem de ser estudado! Embora tenhamos a liberdade de escolher a ordem dos assuntos a estudar em determinada disciplina, todos os temas terão de ser aprendidos. Se não forem hoje, serão amanhã...

Pessoalmente, ainda não me deparei com situações em que os meus colegas, que frequentaram uma escola diferente, tenham estudado algo que eu não havia estudado na Ponte. Contudo, é possível isso acontecer, assim como é normal ocorrer o contrário! O que se verifica mais é que muitos dos alunos que frequentaram a escola da Ponte, aprofundaram um pouco mais os temas, o que não acontece muito nas escolas do ensino “tradicional”!





Quanto à sua questão sobre a Educação física, penso que o melhor é colocá-la aos professores, pois um deles poderá ser mais explícito do que eu quanto a esta matéria. Porém, posso desde já dizer-lhe que esta disciplina me ajudou a compreender o quão importante e divertido pode ser fazer desporto, além de nos mostrar também as vantagens de trabalho de grupo e de união de equipa! Todos estes ensinamentos são transportados para a vida real e trazem consigo o maior sentido de vida.

